

minuto

A TARDE #368 / DOMINGO, 5 DE JULHO DE 2015
REVISTA SEMANAL DO GRUPO A TARDE

LYGIA VIÉGAS COTIDIANO CULINÁRIA VIRTUAL

DÉBORA LANDIM VINHOS «

ISSN 1984-0721



Passado **PRESENTE**

O acervo do linguista afro-americano Lorenzo Turner
e a preservação da memória do candomblé



O pesquisador Lorenzo Turner, em 1914, aos 24 anos. Ao lado, o polêmico Joãozinho da Gomeia

BAHIA MAIS QUE PROFUNDA

O pesquisador Xavier Vatin escreve com exclusividade para a *Muito* sobre o acervo do linguista afro-americano Lorenzo Turner, cuja análise dará origem a um CD e ao livro *Memórias Afro-Atlânticas*

Texto **XAVIER VATIN** xaviervatin@gmail.com







The present and ^{the} former head ⁵⁴ of a
Dahomean cult in Bahia.

Born in Brazil of
Dahomean parents. Both
speak Fon fluently.



FOTOS ANACOSTIA MUSEUM, SMITHSONIAN INSTITUTION, WASHINGTON, USA



Ao lado, mães de santo do Terreiro do Bogum, em Salvador, e manuscrito de Lorenzo Turner. Acima, registros feitos em terreiros de Salvador, Cachoeira e São Félix: a presença e a força dos idosos no cotidiano e nos ritos da religião afro-brasileira. E, no canto direito, no alto, o pai de santo cachoeirano Artur “Cu de Touro” da Silva

Em 7 de setembro de 1940, o linguista afro-americano Lorenzo Dow Turner (1890-1972) desembarca na Bahia, acompanhado pelo sociólogo E. Franklin Frazier. Além da imprensa baiana, ambos são recebidos pelo antropólogo Donald Pierson, que desenvolve pesquisas sobre relações raciais na Bahia. O projeto de Lorenzo Turner consiste em gravar e estudar as línguas africanas faladas e cantadas nos candomblés da Bahia (yoruba, fon, kikongo, kimbundu, entre outras) no intuito de compará-las com aquilo que registrou na década de 1930 com os Gullah, descendentes de escravos em situação de isolamento geográfico no litoral da Carolina do Sul e da Geórgia, nos EUA.

O objetivo de Turner é comprovar a preservação de um fundo linguístico oeste-africano em locais e comunidades peculiares da diáspora africana nas Américas. Poucos anos depois, em 1949, Turner seria o primeiro linguista a demonstrar a existência, nos EUA, de línguas crioulas, como o gullah, revolucionando assim a linguística norte-americana. Dois anos antes das gravações do antropólogo Melville J. Herskovits e seis anos antes da chegada de Pierre Verger à Bahia, Turner, ao longo de sete meses de pesquisas intensivas realizadas em Salvador e no Recôncavo, grava, registra e fotografa os mais eminentes sacerdotes e sacerdotisas dos candomblés da época: Martiniano do Bonfim, Menininha do Gantois, Joãozinho da Goméia, Manoel Falefá, entre outros. O acervo co-



Acima, típica família baiana de santo do início do século 20. Ao lado, representação do orixá Omolu

letado por Lorenzo Turner na Bahia representa um total de 18 horas de gravações linguísticas e musicais, 85 fotografias além de anotações de campo, correspondências e transcrições linguísticas.

As gravações originais de Turner no Brasil, de uma qualidade sonora extraordinária, ficaram intocadas nos EUA por mais de 70 anos. A coleção brasileira de Turner representa um total de 52 horas de gravações e anotações de campo realizadas na Bahia, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Sergipe e em Mato Grosso. O acervo fotográfico de Turner encontra-se no Anacostia Museum da Smithsonian Institution, em Washington, D.C.

A pesquisa realizada por Lorenzo Turner na Bahia se inscreve em um contexto histórico instigante: em apenas uma década (1937-1946), a Bahia se torna, com a vinda dos norte-americanos Ruth Landes, Donald Pierson, E. Franklin Frazier, Melville J. Herskovits e dos franceses Roger Bastide e Pierre Verger, o laboratório predileto para os estudos sobre a diáspora africana nas Américas, de onde surgiria, décadas depois, o conceito de Atlântico Negro.

O trabalho de Turner traz de um passado distante as memórias



FOTOS ANACOSTIA MUSEUM, SMITHSONIAN INSTITUTION, WASHINGTON, USA



Acima, Joãozinho da Gomeia e filhos de santo, em seu primeiro terreiro em São Caetano. Ao lado, sacerdotisa

afrodiaspóricas das personalidades mais emblemáticas da história do candomblé, através de sons e imagens registrados por este pioneiro fora do comum, homem negro cujos avós eram escravos e que se tornou, após ter estudado em Harvard e na Universidade de Chicago, o primeiro linguista negro da história.

Fruto de uma pesquisa de pós-doutorado realizada com apoio da Capes na Indiana University entre 2012 e 2013, estou analisando o conteúdo linguístico e musical deste acervo valioso, visando sua devida restituição para as comunidades religiosas envolvidas, através da produção de um CD duplo e de um livro intitulado *Memórias Afro-Atlânticas*, a ser publicados em 2016.

As gravações de Turner constituem a única prova material de que línguas africanas ainda eram faladas no dia a dia do povo de santo até a década de 1940, além de manter intactas cantigas e rezas antigas do candomblé, nas vozes de Martiniano do Bonfim, Menininha do Gantois, Joãozinho da Gomeia, entre outras figuras históricas da cultura afro-brasileira, ilustres representantes daquilo que a diáspora africana nas Américas tem produzido de mais belo e fascinante. «